

MENINAS (MAL) COMPORTADAS: POSTURAS E ESTRANHAMENTOS EM UMA ESCOLA DE PERIFERIA

VARGAS, Juliana Ribeiro de – UFRGS

GT-23: Gênero, Sexualidade e Educação

Neste trabalho, apresento e problematizo posturas de alunas de uma escola pública que se diferenciam dos comportamentos habitualmente relacionados à infância feminina. Tais posturas, por vezes, são interpretadas como formas inadequadas para meninas comportarem-se, principalmente no ambiente escolar. Penso que o estranhamento frente a ações protagonizadas por tais alunas ocorra em razão dessas diferirem de padrões entendidos como naturais para meninas.

Alinhada aos referenciais dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero em abordagem pós-estruturalista, permito-me escrever o advérbio *mal* entre parênteses, uma vez que percebo essas meninas como constituídas na cultura e no interior de práticas discursivas específicas (Hall, 1997). Dessa forma, penso que tais alunas não sejam somente mal comportadas. No entanto, entendo que algumas de suas atitudes, para determinados grupos sociais, são consideradas inadequadas.

Com o objetivo de descrever as posturas das alunas referidas, utilizei-me de metodologias de investigação de cunho etnográfico. Tenho claro que uma pesquisa nessa perspectiva corresponde a uma interpretação, distanciando-se de uma descrição imparcial. Conforme afirma Geertz (1989, p. 63), “toda a descrição etnográfica é, sempre, a descrição de quem escreve e não a de quem é descrito [...]”.

Apresento inicialmente algumas considerações acerca da constituição de um ideário de infância feminina, a partir do qual entendo que posturas de alunas são interpretadas e descritas. Posteriormente, aponto comportamentos que encontrei ao pesquisar alunas de quinta série que se diferenciam desse ideário. Por fim, encerro pensando que tais comportamentos poderiam ser discutidos em nossas escolas.

Comportamentos de meninas modernas

Descrições sobre o comportamento de meninas associam, muitas vezes, características tais como tranquilidade e ingenuidade às mesmas. Tais posições permitem pensar sobre uma diferenciação entre comportamentos de alunas e alunos. As palavras de Michelet (1995, p. 100), representativas dos discursos presentes nas sociedades ocidentais desde o século XIX, corroboram tal associação.

Se deixarmos a menina escolher os brinquedos, ela escolherá certamente miniaturas de utensílios de cozinha e de casa. É um *instinto natural*, o pressentimento de um dever que a mulher terá que cumprir. A mulher deverá alimentar o homem.

A idéia de que exista um instinto natural feminino, como refere o autor, é aceita e repetida no senso comum. Características como meiguice, vaidade e inocência também vêm sendo relacionadas naturalmente à infância feminina através de discursos históricos difundidos principalmente nas sociedades ocidentais. Assim, é organizado um ideário feminino a partir do qual se espera que meninas conduzam seu comportamento diferentemente dos meninos. Afirma Alex Fraga (2000, p. 91):

[...] espera-se que a menina tenha um cuidado redobrado com seu próprio corpo e que se comporte dentro dos padrões de conduta previstos para futura mulher/esposa/mãe. Para tanto, exige-se um demorado aprendizado sobre como se conduzir apropriadamente – é preciso “andar direito”; “andar na linha”.

“Andar direito”, como coloca Fraga, é o que ainda hoje as pessoas esperam de uma menina. É possível pensar que o ideário de infância feminina, que a caracteriza como bem-comportada, tenha surgido em meio a construções da Modernidade, tal como a própria concepção de infância. Embora autores diversos afirmem a existência de narrativas sobre a infância em períodos anteriores, Ariès (1981) define a Modernidade como o momento histórico no qual determinadas características relacionadas à infância começam a ser articuladas para uma representação determinada do sujeito infantil.

Rousseau (1995), em *Emílio*, apresenta ingenuidade e inocência como características da infância. Na mesma obra, o autor refere-se à jovem *Sofia* como aquela

que tem o coração sensível e que deverá tornar doce e agradável a vida de um homem. É possível perceber que tal concepção acerca de papéis femininos acaba por ser retomada posteriormente por discursos como o de Michelet, anteriormente citado.

O ser menina, na concepção do senso comum, mesmo na atualidade, ainda está associado ao uso de certas vestimentas, determinadas cores e do recato ao agir. Entretanto, a partir da perspectiva teórica que assumo, penso que as características relacionadas aos sujeitos dependem, como afirma Bujes (2001, p. 30):

[...] de um conjunto de possibilidades que se conjugam em determinado momento da história, são organizados socialmente e sustentados por discursos nem sempre homogêneos em perene transformação.

Observando meninas (mal) comportadas

A partir de minha experiência docente, considero que muitas meninas na atualidade não se enquadram nas descrições mencionadas anteriormente. Enxergo nas escolas meninas com seios grandes, aumentados ainda mais através do uso de *tops*¹. Percebo *piercings* em sobancelhas, umbigos e orelhas, colocados muitas vezes no banheiro da escola. Já enxerguei “tatuagens” em antebraços e sei que as mesmas foram feitas com a lâmina retirada do apontador escolar.²

Ouçõ as expressões utilizadas pelas meninas: “*Homem é quem nem lata! Uma chuta a outra cata!*”, ou ainda: “*Viva a vida loucamente: fique com um guri diariamente!*”. Tais alunas envolvem-se em conflitos tão violentos como os que, outrora, observávamos somente entre meninos. Fatos e situações semelhantes a esses subsidiam minha afirmação: as meninas estão diferentes.

¹ Vestimenta que cobre os seios. As meninas usam *tops* com alças cruzadas nas costas, o que faz o tamanho dos seios parecer maior do que é.

² A lâmina do apontador é retirada e fixada em um tubo de caneta esferográfica vazio. Tal tubo é aquecido, fixando-se a lâmina ao mesmo.

Contudo, tenho dificuldade em encontrar formas para classificar as atitudes de tais meninas, capazes de utilizar as mais chulas palavras a fim de defender seus supostos direitos, mas que também escolhem lindos versos como mensagens para seus amigos e amores. Mãos capazes de ferir fisicamente uma colega, trançar o cabelo de outra e trocar a música ouvida pelo celular. É possível, frente a essa narrativa, classificá-las?

As classificações estariam adequadas a uma perspectiva moderna de pensamento. Entretanto, sob a ótica pós-moderna, a desconstrução das dicotomias acaba por ser uma forma de pensar produtiva. É o que afirma Louro (1997, p. 31):

A proposição de desconstrução das dicotomias, problematizando a constituição de cada pólo, demonstrando que cada um na verdade supõe e contém o outro, evidenciando que cada pólo não é uno, mas plural, mostrando que cada pólo é, internamente, fraturado e dividido – pode se constituir numa estratégia subversiva fértil para o pensamento.

Meninas contemporâneas: alunas que sabem brigar

A partir de observações e conversas com as alunas, percebi que alguns dos aspectos que mais destoavam da concepção moderna de infância feminina eram os conflitos violentos nos quais elas se envolviam. Muitas vezes seus conflitos eram solucionados aos socos e pontapés. As meninas afirmavam que os motivos desencadeadores de uma briga poderiam ser diversos: um olhar mais demorado, um comentário maldoso, uma fofoca. No entanto, ofensas à família, principalmente à figura da mãe, pareciam constituir o estopim para desencadeamento de violência física:

P: *Por que vocês brigam?*

- *Porque irrita.* (Todas.)

P: *E o que mais irrita?*

- *É olhar pra tua cara e ficar dando risada...* (P.)

P: *E se falar mal da mãe de vocês?*

- *A gente sai na porrada.* (P.L.)

- *Porque ninguém gosta que fale mal da mãe de ninguém, “sora”.* (A.)

Segundo as meninas, aquelas que brigam e, principalmente, as que saem menos machucadas dos conflitos, assumiriam um *status* superior frente às outras meninas e aos meninos também.

P: *E uma guria que briga muito... Como é que ela é vista?*

- *Ela deixa a cara da pessoa sangrando.* (T)

P: *O que os outros vão achar desta guria?*

- *Ótimo, porque todo mundo fica “folgando” se a pessoa apanha.* (T)

P: *Como é que os guris a vêem?*

- *Ai super...* (T)

P: *Eles vão querer namorar uma guria assim?*

- *Vão...* (Todas)

As narrativas das meninas, o orgulho em demonstrar as marcas de conflito em seus braços e pernas, a preocupação em afirmar “*Eu te quebro na esquina*” e fazê-lo realmente, são fatores que me permitiram compreender que tais conflitos não ocorriam ao acaso. Esses comportamentos pareciam estar articulados a fim de defender territórios, constituir identidades, estabelecer valores. Acredito que a forma de lidar com os conflitos, entre as alunas analisadas, está relacionada à necessidade de defesa de um sentimento de valorização e de reconhecimento na comunidade em que vivem.

Penso que o cotidiano no qual as alunas vivem possivelmente interfira na organização de suas condutas. Muitas delas já presenciaram cenas violentas, dentro de suas casas ou nas adjacências: Amigos e irmãos feridos em assaltos, mães espancadas pelos companheiros, abordagens policiais “pouco sutis”. Sentimentos como calma e tolerância são menosprezados em uma realidade hostil. Como afirma Xavier (2002, p. 41): “Em termos de enfrentamento e relações entre sujeitos da mesma classe ou de classes sociais

diferenciadas, percebe-se um processo de incivilidade, de incapacidade de negociar e de exercer compaixão, empatia, tolerância”.

Encerrando brevemente

É possível entender que as atitudes de meninas distintas daquelas imaginadas como típicas de um modelo de infância feminina acabem relacionadas como inapropriadas. Entretanto, de acordo com pressupostos teóricos que utilizo pode-se perceber tais comportamentos como variados “modos de ser” menina na atualidade. Ao pensar em maneiras diversificadas de ser e agir na infância feminina é possível entender que meninas não apresentam uma identidade única. Tal entendimento vem ao encontro das palavras de Louro (1997, p. 24):

Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanente.

Penso que muitos outros comportamentos de meninas poderiam ser problematizados; não em busca de soluções mágicas e imediatas, mas sim visando dar visibilidade para atitudes que ainda, em muitas escolas, são somente criticadas e condenadas. Encerro com as palavras de Louro (2003, p.51): “Talvez seja mais produtivo para nós, educadoras e educadores, deixar de considerar toda essa diversidade de sujeitos e práticas como um ‘problema’ e passar a pensá-la como constituinte do nosso tempo”.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. In: *Infâncias e Maquinarias*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2001.

FRAGA, Alex Branco. *Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GEERTZ, Clifford. Estar lá, escrever aqui. In: *Diálogo*. São Paulo, v. 22, n. 3, 1989.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.22, n. 2, jul/dez. 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MICHELET, Jules. *A mulher*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

XAVIER, Maria Luisa M.; RODRIGUES, Maria Bernadete. Organização Escolar, planejamento pedagógico e disciplina. In: XAVIER, Maria Luisa M. *Disciplina na Escola*. Porto Alegre: Mediação, 2002.